

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CULTURAL EM MOSTRAS E FESTIVAIS DE CINEMA: o que brota nas telas da 5ª Mostra Ambiental de Cinema do Recife¹

Amanda Ramos Alves dos Santos

aamandaramos@gmail.com

Marcos Moraes Valença (Orientador)

marcosvalenca@recife.ifpe.edu.br

Ana Alice Freire Agostinho (Co-orientadora)

anaalice.freire@barreiros.ifpe.edu.br

RESUMO

A Mostra Ambiental de Cinema do Recife (MARÉ) é pioneiramente dedicada à temática socioambiental no estado de Pernambuco e o presente trabalho debruça-se sobre a sua 5ª edição, que ocorreu em dezembro de 2020. O estudo analisa, sob a luz dos conceitos de ecologia dos saberes, sentipensar e Bem Viver, os curtas-metragens que foram exibidos e os debates realizados nesta edição do evento. Essa análise dos dados, bem como as entrevistas realizadas, revelou que a programação da MARÉ no contexto da pandemia da Covid-19 abordou diferentes perspectivas socioambientais, trazendo denúncias e ao mesmo tempo filmes e debates encantatórios, contribuindo para a Educação Ambiental e Cultural, política, social e afetiva.

Palavras-chave: educação ambiental e cultural; mostras e festivais de cinema; MARÉ; ecologia de saberes; sentipensar; bem viver.

ABSTRACT

The Recife Environmental Film Festival (MARÉ) is a pioneer dedicated to the socio-environmental theme in the state of Pernambuco and the present work focuses on its 5th edition, which took place in december 2020. The study analyzes, in the light of the concepts of ecology of knowledge, sentipensar and Bem Viver, the short films that were screened and the debates held in this edition of the event. This data analysis, as well as the interviews carried out, revealed that MARÉ's programming in the context of the Covid-19 pandemic addressed different socio-environmental perspectives, bringing denunciations and, at the same time, enchanting films and debates, contributing to Environmental and Cultural Education, political, social and affective.

Keywords: environmental and cultural education; film shows and festivals; MARÉ; ecology of knowledge; sentipensar; Bem Viver.

¹ Artigo apresentado ao Curso de Pós-Graduação - Especialização em Educação Ambiental e Cultural do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Cultural. Aprovado em 11 de novembro de 2022.

1 INTRODUÇÃO

A Mostra Ambiental de Cinema do Recife (MARÉ) acontece desde 2014 em diversos pontos físicos da cidade, na Região Metropolitana de Recife-Pernambuco, e se propõe a ser espaço para exibição e reflexão sobre obras cinematográficas de curtas, médias e longas-metragens com temáticas socioambientais, em especial as pernambucanas e as nacionais. A mostra temática é pioneira no Estado mantendo a periodicidade e em sua trajetória também abriga nas programações atividades de formação, como debates, oficinas, seminários e outras. A MARÉ conta com o incentivo público através da Prefeitura do Recife e apresenta atividades gratuitas, abertas ao público em geral, com destaque para as realizadas em escolas públicas da cidade. Sua quinta edição, que ocorreu em dezembro de 2020, foi realizada em formato virtual e com programação reduzida devido ao contexto de pandemia de Covid-19.

O presente estudo se propôs a investigar como a programação da 5ª edição da Mostra Ambiental de Cinema do Recife (MARÉ) contribui com a Educação Ambiental e Cultural no contexto pandêmico. Para tanto, houve a necessidade de sistematizar e analisar os curtas-metragens que foram exibidos e os debates realizados nesta edição do evento, bem como compreender, por meio de entrevistas, quais as percepções dos organizadores do evento pesquisado acerca desse modo de contribuir para a Educação Ambiental e Cultural.

As inquietações pessoais que originaram esta pesquisa surgiram a partir da experiência empírica da autora desde o ano de 2007 como militante em cineclubes, bem como enquanto profissional nas áreas de produção, curadoria e formação em mostras e festivais de cinema realizados em Pernambuco. A formação acadêmica como cientista social permitiu ampliar os olhares em relação a este trabalho com cinema, inclusive problematizando o exercício dessas profissões, as representatividades na frente e atrás das câmeras, nas seleções e premiações de filmes e auxiliando nos diálogos com educandas/os em atividades formativas. A formação como educadora ambiental e cultural em conclusão fortaleceu ainda mais esses conhecimentos de forma crítica e permitiu estabelecer diferentes diálogos enriquecedores com múltiplos saberes a partir das vivências com as populações em territórios que trabalhamos juntas/os.

Esse percurso formativo nos âmbitos educacional, do ativismo e profissional permitiu compreender na teoria e na prática que o conhecimento construído é não-dualista e, assim sendo, supera a interpretação dicotômica que prevalece na ciência moderna e que opõe natureza/cultura levando a crer que a natureza seja algo a ser dominado pela cultura. A Educação Ambiental é aqui compreendida de forma indissociável da Cultural, pois está tratando de elementos ao mesmo tempo “naturais” e “sociais”. Diante do exposto, colocamos em prática esta investigação dialogando com o paradigma emergente que trata de forma indissociável as questões educacionais, ambientais, sociais, políticas, culturais e afetivas (NUNES, 2003 *apud* SANTOS, 2003).

O presente estudo se justifica por estes vieses de interesse pelo tema, realizando análise qualitativa exploratória no campo socioambiental e educacional com estudo de caso. Para tanto, fizemos uso de técnicas de coletas de dados tradicionais de pesquisa, a saber: revisão bibliográfica; análise fílmica e documental;

e entrevistas remotas semiestruturadas com organizadores do evento. A investigação foi realizada sob a luz dos conceitos de ecologia dos saberes, de Boaventura de Sousa Santos (2010); sentipensar, de Saturnino de la Torre (2001); e Bem Viver, de Alberto Acosta (2016).

Importante salientar desde já que partimos do pressuposto de que, assim como todo conhecimento, falar de Educação Ambiental e Cultural é compreender que existem diversas perspectivas e que nenhuma delas é neutra. Aqui buscamos construir o conhecimento a partir do diálogo com as reflexões pós-coloniais, visibilizando diferentes formas de educar, ser, sentir e pensar. Deste modo, dialogamos com a Educação Ambiental Crítica que relaciona os diversos saberes e também procuramos identificar de qual(is) forma(s) a Educação Ambiental emerge na programação da Mostra Ambiental de Cinema do Recife.

Apresentaremos este trabalho com a estrutura de três seções, além da presente introdução e das considerações finais. Na primeira seção, intitulada “Cinema, mostras, festivais, educação e natureza: a confluência com o público”, apresentamos as possibilidades de diálogo entre os eventos de difusão do cinema e a Educação Ambiental. Na segunda, “A_MAR_É - 5ª Mostra Ambiental de Cinema do Recife”, fizemos um breve histórico da MARÉ e sua quinta edição. Por último, em “Educar com os curtas-metragens e debates que brotaram nas telas da MARÉ” apresentamos e analisamos os filmes e trechos dos debates desta edição da mostra.

2 CINEMA, MOSTRAS, FESTIVAIS, EDUCAÇÃO E NATUREZA: A CONFLUÊNCIA COM O PÚBLICO

Compreendemos que filmes são obras de arte, se completam quando em diálogo com o público e que são feitos para serem vistos e refletidos. Assim sendo, ressaltamos aqui o papel da difusão do cinema. No campo da difusão do cinema no Brasil destacam-se as experiências socioculturais e formadoras de público que são os cineclubes, as mostras e os festivais de cinema. De grosso modo podemos diferenciar essas três experiências da seguinte forma: cineclubes se organizam através da associação democrática de grupo de pessoas a nível local; são sem fins lucrativos; e apresentam periodicidade recorrente de sessões, geralmente com, no máximo, um mês de distância entre uma e outra. As mostras de cinema são eventos mais abrangentes, podendo ser comerciais; ocorrem em espaço de tempo maior e normalmente não apresentam exposições competitivas. Já os festivais de cinema podem apresentar exposições competitivas e são eventos com maior amplitude tanto de programação quanto de público e financiamento, por vezes integrando outras linguagens artísticas. Há casos que contradizem um ponto ou outro dessa diferenciação.

Para a agência reguladora do cinema brasileiro, ANCINE, as mostras e festivais são as principais vitrines do audiovisual, sendo muitas vezes “os principais canais de difusão de obras de novos realizadores, de curtas-metragens e de produções nacionais e estrangeiras não exibidas em circuito comercial”² (2022). Além disso, aqui ressaltamos o papel aglutinador das mostras e festivais de cinema, que são espaços de confluências reflexivas e potencialmente educacionais entre filmes, realizadoras/es e público.

² A importância dos Festivais e Mostras de Audiovisual. Disponível em: <<https://antigo.ancine.gov.br/pt-br/conteudo/importancia-dos-festivais-e-mostras-de-audiovisual>>. Acesso em: 06 set. 2022.

Ainda sobre o contexto nacional, existe uma entidade que reúne organizadores dos principais eventos de difusão, que é o Fórum Nacional dos Organizadores de Eventos Audiovisuais Brasileiros. Nos últimos anos, o Fórum dos Festivais mapeou mais de 350 eventos em todo o país, porém a pluralidade da realidade brasileira vai além do que é destacado como principal. Assim, buscando visualizar a diversidade a nível local e trazendo para a experiência pernambucana, apenas fora da Região Metropolitana, a autora deste artigo mapeou até 2019 a continuidade periódica de 19 mostras e festivais de cinema³. Somando-se aos eventos que ocorriam com certa periodicidade também na Região Metropolitana do Recife, estima-se que existiam, na época, em torno de 50 mostras e festivais de cinema somente em Pernambuco.

A maioria desses eventos, seja a nível nacional ou local, possui recorte abrangente, geral. Já outros apresentam recortes temáticos específicos, estabelecendo diálogo com filmes, realizadoras/es e públicos que se relacionam com esses temas estabelecidos. Para fins deste trabalho, nos debruçamos sobre a temática socioambiental para, através do cinema, refletirmos sobre as diversas relações que compõem a natureza. A partir do que se convencionou, o chamado “cinema ambiental” propõe reflexão sobre territórios, florestas, povos originários, comportamentos socioculturais, ativismos, alimentação, moradia, mudanças climáticas, políticas públicas etc., ao tempo que visibiliza narrativas e questões negligenciadas pelo que se apresenta como hegemônico em determinada sociedade (ALBOREDA, 2021).

Em um levantamento preliminar publicado no ano 2016, a pesquisadora Solange Alboreda destacou 22 mostras de cinema ambiental realizadas no Brasil, sendo três⁴ delas pernambucanas. Naquele momento inicial, Alboreda ainda não tinha identificado a Mostra Ambiental de Cinema do Recife, porém em 2019 a MARÉ passou a integrar a rede “O meio é o todo”⁵ - rede latino-americana de festivais de cinema socioambiental, que possui um grupo no aplicativo WhatsApp para a troca de experiências entre as/os organizadores dos eventos. Compreendendo que esse levantamento é dinâmico e constante, a autora estima que hoje em dia exista mais de uma centena de pequenas mostras de filmes ambientais no Brasil. Deste modo, visualizamos com bons olhos a efervescência de espaços de difusão de filmes com temáticas socioambientais, visto que são potencialmente reflexivos e podem contribuir com a Educação Ambiental.

O cinema enquanto arte com linguagem própria também pode ser visto como ferramenta de educação, bem como da comunicação, e favorece a reflexão acerca do mundo que vivemos e dos que queremos construir. Segundo o filósofo e educador

³ Nas matas, agrestes e sertões, a saber: Animacine – Festival de Animação do Agreste; Cine Jardim - Festival Latino-Americano de Cinema de Belo Jardim; Curta na Serra - Mostra de Cinema ao Ar Livre; Curta no Araripe - Mostra de Cinema; Curta Taquary – Festival Internacional de Curta Metragem; Festival de Cinema de Carpina; Festival de Cinema de Caruaru; Festival de Cinema de Triunfo; Festival de Cinema e Teatro do Sertão; Festival de Cinema no Meio do Mundo – FestCiMM; Mostra Canavial de Cinema; Mostra de Cinema da Praia dos Carneiros; Mostra de Cinema do Festival de Inverno de Garanhuns; Mostra de Cinema Independente de Arcoverde – Cine Arcoverde; Mostra Pajeú de Cinema; Mostra Play The Movie; Mostra Poesia na Tela; OroCine - Mostra de Cinema de Orobó; ReciFest - Festival de Cinema de Diversidade Sexual e de Gênero.

⁴ São elas: Eco Cine Noronha, Macô - Mostra Agrícola de Cinema Orgânico e Mostra Canavial de Cinema. Destas, apenas a Mostra Canavial de Cinema continua em atividade.

⁵ A rede surgiu após os dois Encontros Latino-americanos de Festivais de Cinema Ambiental promovido pela pesquisadora nos anos de 2017 e 2018 no Sesc Santos, São Paulo.

Saturnino de La Torre (2001), sentipensamos quando fundimos “duas formas de interpretar a realidade, a partir da reflexão e do impacto emocional, até convergir num mesmo ato de conhecimento a ação de sentir e pensar” (*apud* MORAES; TORRE, 2004, p. 3). Portanto, para além da instrumentalização puramente didática, sentipensando junto com os filmes, e ainda mais quando dialogamos com eles a partir de experiências criativas horizontais, coletivas e reflexivas, podemos meditar sobre formas de educar, ser e agir no mundo:

(...) é possível ampliar ou criar um novo espaço de ação/reflexão fundado nas emoções que circulam, tentando assim, aumentar as possibilidades de um operar mais inteligente, capaz de gerar ou de provocar emoções positivas que estimulam o aprendiz a querer transformar-se, a vivenciar novos valores, a evoluir e a transcender à um novo nível de consciência superior. (Ibidem, p. 12-13).

Sobre essa atmosfera de alteridade, sentipensar e também de autoconhecimento que o cinema provoca, o pesquisador e crítico André Dib⁶ observa como se dão os processos curatoriais que é responsável, ou seja, a escolha dos filmes que serão exibidos num evento de cinema:

(...) O cinema é uma expressão perfeita para provocar o exercício de alteridade através do olhar do outro, sentir o mundo diferente. [...Através do cinema] eu posso me conhecer. Dependendo do filme, ele pode revelar coisas em mim, pode me apresentar. Eu acredito que ele pode me revelar faces que eu não sabia que estavam aqui. Então, de uma maneira bem geral, essa é uma das minhas guias. Se o filme é capaz de provocar isso em mim, eu posso apresentar para você e ver o que acontece.

Diante do exposto e pensando a educação como transformadora, podemos traduzir a experiência de união entre cinema e educação ambiental crítica como potencialmente dialógica na visão paulofreireana, compreendendo que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 2015, p. 89). Nesse encontro pujante que envolve sentimentos e pensamentos críticos podemos visibilizar diversos saberes ambientais e assim refletir sobre superação de desigualdades, para que também possamos agir em consonância com esse todo complexo. É nesse contexto provocador do exercício de construção da cidadania planetária e ecológica que pode dar-se por meio da união entre a pedagogia crítica, reflexiva e política da educação ambiental com o sentipensar e agir estimulados pela democratização da arte nas mostras e festivais, que surge a Mostra Ambiental de Cinema do Recife, em 2014.

Contudo, o ano de 2020 acelerou mudanças que a grosso modo aumentaram desigualdades originárias do modo de produção capitalista, ainda mais quando aliadas à diferença colonial que ainda deixa seus rastros visíveis através das colonialidades. Naquele ano vivemos o ápice da pandemia de Covid-19 e foi necessário adotarmos como medida protetiva o distanciamento social. Com a proibição de eventos presenciais, como realizar festivais de cinema e promover Educação Ambiental através desse encontro?

⁶ Curador da MARÉ desde a 3ª edição. Entrevista realizada no dia 06 de setembro de 2022 especialmente para este trabalho.

Fato é que na pandemia de Covid-19, precisamos todas/os nos adaptar ao novo contexto. Os festivais de cinema, para continuar existindo, começaram a migrar para o campo virtual na experimentação de democratizar ainda mais suas programações. Nesse campo, os festivais possuem grande visibilidade e ultrapassam o âmbito dos territórios locais, porém também observamos que num país onde podemos falar em privilegiados tecnológicos, apenas alguns perfis de públicos têm acesso a essas programações virtuais. Então no próximo tópico entenderemos como a Mostra Ambiental de Cinema do Recife se adaptou e continuou dialogando com a Educação Ambiental e o público através da sua programação.

3 A_MAR_É - 5ª MOSTRA AMBIENTAL DE CINEMA DO RECIFE

A Mostra Ambiental de Cinema do Recife é realizada em diversos espaços da cidade do Recife, Região Metropolitana de Pernambuco, e, até o momento, apresentou seis edições: nos anos de 2014, 2016, 2017, 2019, 2020 e 2021. Surgiu a partir da iniciativa do produtor de origem sertaneja Rafael Buda⁷ que, após participar da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, Rio+20⁸, enquanto esteve morando alguns anos no Rio de Janeiro, retornou a Pernambuco com o desejo de trabalhar com Educação Ambiental colocando em movimento a sua experiência na área cultural, especialmente no audiovisual:

A partir disso surgiu a ideia de realizar uma mostra em que a gente pudesse não só exibir filmes como também gerar discussões acerca desses temas latentes na nossa sociedade, realizar ações formativas que pudessem gerar trocas de saberes, compartilhamento de conteúdos e novas formas de repensar esses arranjos.

Germinada ali, até sua edição de 2019, em formato presencial, a MARÉ contou com incentivo público através do Fundo Municipal de Meio Ambiente (FMMA) da Prefeitura do Recife e exibiu em caráter não-competitivo em média 10 longas e 30 curtas-metragens, nacionais e internacionais, sendo alguns deles lançamentos. Realizou sessões em espaços como o Cinema São Luiz, Cais do Imperador, Econúcleo Jaqueira e Jardim Botânico, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), dezenas de escolas públicas, na comunidade Ilha de Deus, em frente a antigos cinemas de rua que estão fechados, na sede do INCITI - Pesquisa e Inovação para as Cidades, além de ações ambientais e culturais no Marco Zero e no metrô Estação Central do Recife. Promoveu também dezenas de oficinas, entre elas de Consciência Ambiental, Fotografia Ambiental, Animação Stop Motion, Animação 2D; inúmeros debates; e criou a websérie Cidade Plástica⁹, composta por 6 episódios para reflexão sobre temas relacionados ao plástico.

⁷ Coordenador Geral da MARÉ. Entrevista realizada no dia 23 de agosto de 2022 especialmente para este trabalho.

⁸ Evento realizado após 20 anos da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92), com objetivo de avaliar as decisões anteriores e discutir sobre a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável. Aconteceu de 13 a 22 de junho de 2012, na cidade do Rio de Janeiro.

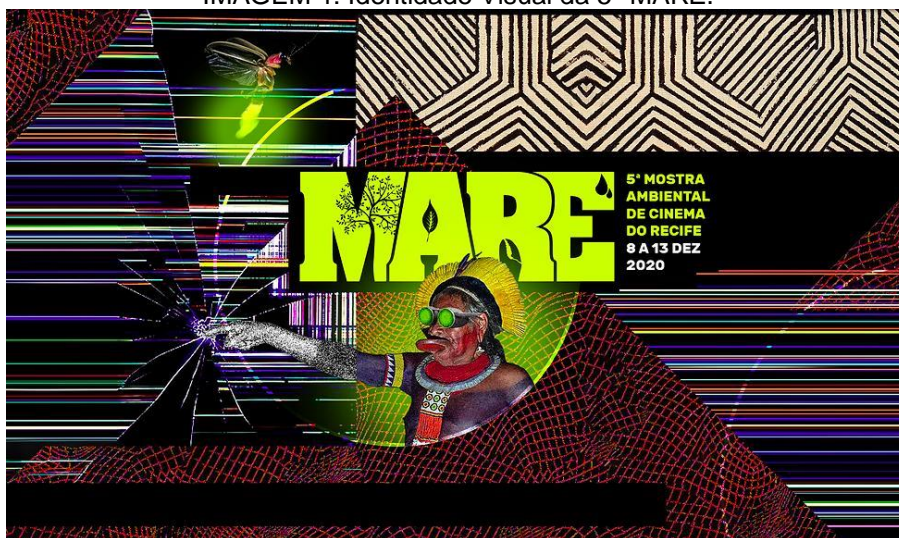
⁹ Disponível na plataforma YouTube https://www.youtube.com/channel/UC_Q8Cx2yJhAHOH6f3Q76xcQ.

Dessa maneira, desde que brotou, a MARÉ esteve em diálogo com diferentes espaços físicos, promovendo a reflexão socioambiental para além das salas de cinema. Com a pandemia de Covid-19 não houve desistência de continuidade da mostra por parte dos organizadores e veio a adaptação para o ambiente virtual. No entanto, cabe ressaltar que desde antes da pandemia o evento já se aproximava das possibilidades que a tecnologia permite de outras experiências de assistir filmes. Como exemplo dessas possibilidades citamos a ação que espalhou pela cidade adesivos de QR Code com acesso a curtas-metragens através de dispositivos mobile, na edição de 2019; e as Pedaladas Sustentáveis, quando o público pedalou em bicicletas que geravam energia para o projetor exibir os filmes da sessão, na edição de 2016. Assim, a migração para o campo virtual no contexto pandêmico foi vista pelos organizadores como oportunidade de fazer com que a reflexão sobre a natureza continuasse chegando às pessoas, ainda mais naquele momento crucial da maior crise socioambiental e política que vivenciamos.

A 5ª MARÉ aconteceu de 08 a 13 de dezembro de 2020 apresentando onze filmes brasileiros, entre eles seis curtas e cinco longas-metragens, três debates e um encontro com representantes de festivais de cinema socioambientais do Brasil, além de duas sessões presenciais para público bastante reduzido na Arena Arbor, do Jardim Botânico do Recife. A edição contou com patrocínio direto da Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade (SMAS) da Prefeitura do Recife e empresas privadas.

A identidade visual (IMAGEM 1) foi assinada pelo biólogo e artista multimídia Bruno Cabús e teve como foco o indígena, numa representação da ancestralidade em comunhão com a tecnologia. Este foco, inclusive, perpassa toda a programação da 5ª MARÉ e também apareceu no texto de apresentação da edição, referenciando importantes lideranças dos povos originários no Brasil, como Ailton Krenak e Sônia Guajajara. A referência a Krenak abordava seu livro publicado no ano anterior ao início da pandemia, onde o autor alerta sobre os perigos de nos tornarmos uma humanidade zumbi se desistirmos dos nossos sonhos e interiorizarmos o discurso do fim do mundo: “(...) a minha provocação sobre adiarmos o fim do mundo é exatamente poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim” (KRENAK, 2019, p. 27). E ali, naquela apresentação, a MARÉ iniciou mais uma das suas histórias de diálogo com o público colocando seus sonhos em movimento.

IMAGEM 1: Identidade Visual da 5ª MARÉ.



Fonte: Captura de tela do site da 5ª MARÉ <https://marerecife.wixsite.com/mare2020> .

A programação está sob a coordenação do cineasta pernambucano Tiago Delácio e desde a edição de 2017 vem apresentando três eixos estruturantes que perpassam todo o evento, englobando curadoria, formação, debates e ações com as comunidades. São eles: cidades e conflitos; ecossistemas e biodiversidade; e povos e territórios. Sobre a escolha dos três eixos como linha conceitual da MARÉ, o coordenador geral Rafael Buda ressalta: “faz com que possamos acertar mais dentro daquilo que a gente quer revelar para o público, trazendo sempre inovações”. Em se tratando da curadoria, especificamente, o pesquisador e crítico de cinema André Dib aponta que a partir desses eixos é possível fazer conexão com o cenário de filmes que estreiam a cada ano: “É um grande prazer olhar para esses temas e cruzar com os filmes. A gente está falando de buscar outras formas de existir, de tá na Terra, de poder se relacionar com a alimentação etc.”. Em 2020 a programação foi reduzida em termos quantitativos de atividades, devido às limitações técnicas, contudo a intenção dos organizadores consistia em aprofundar ainda mais as discussões suscitadas a partir do que foi apresentado.

As sessões desta edição ocorreram diariamente no site oficial da mostra, sendo que cada um dos cinco longas-metragens ficou disponível por apenas 24 horas. Já os curtas-metragens estiveram disponíveis para visualização no site durante todo o período do evento, bem como foram exibidos em duas sessões presenciais com até treze pessoas e que aconteceram na manhã do dia 13 de dezembro, inaugurando o espaço da Arena Arbor. Para fins desta pesquisa, nos deteremos à análise dos curtas-metragens, visto que continuam disponíveis no campo virtual para acesso de toda a população e podem ser utilizados em outros espaços formais ou não-formais objetivando o encontro pujante com a Educação Ambiental. Ademais, os debates que aconteceram nesta edição e o encontro de festivais de cinema ambiental ainda estão disponíveis na plataforma YouTube, no canal oficial da mostra.

Os debates ao vivo da MARÉ funcionam como espaço de confluência das experiências em torno dos eixos estruturadores, reunindo cineastas, gestoras/es e ativistas em movimentos sociais, sendo abertos para participação do público geral. Eles foram organizados em três dias de forma a dialogar com os longas-metragens exibidos na noite que antecedia cada debate e se vinculam a cada um dos três eixos citados anteriormente. Já o Encontro de Festivais de Cinema Ambiental foi o momento de apresentação de experiências e confluências dos saberes que estão sendo construídos a partir da realização dos seguintes eventos: Mostra Ecofalante de Cinema, de São Paulo; Cinema do Mar; do Rio de Janeiro; Festival Pachamama - Cinema de Fronteira, do Acre; e Cine Ema, do Espírito Santo; além de contar com a participação de Solange Alboreda, representando a Rede Latinoamericana de Cinema Ambiental, e a mediação do Rafael Buda, como coordenador da MARÉ. A seguir nos debruçamos sobre a programação de curtas-metragens e debates desta edição.

4 EDUCAR COM OS CURTAS-METRAGENS E DEBATES QUE BROTARAM NAS TELAS DA MARÉ

Os filmes exibidos na MARÉ, de modo geral, são selecionados a partir do recorte conceitual do evento e da catalogação da curadoria acerca das obras que estão sendo lançadas naquele ano, portanto não há o momento de inscrição de filmes para seleção. No caso da mostra de curtas-metragens da 5ª edição, especialmente,

foi feita uma retrospectiva com cinco filmes que já haviam sido exibidos em edições anteriores e convidado mais um, sendo este lançado em 2020, mas que já estava disponível na plataforma YouTube antes da mostra acontecer.

Apesar de ser um atrativo bastante interessante para se trabalhar Educação Ambiental a partir do diálogo com o cinema, não é, necessariamente, a pouca duração dos curtas-metragens o que mais importa quando pensamos curadoria das mostras e festivais de cinema. Sobre as possibilidades dos curtas-metragens, de modo geral, o curador André Dib faz referência a definição dada por João Carlos Sampaio¹⁰, de que se trata de um território da experimentação por excelência, e explica:

Geralmente o curta é feito com orçamento menor, equipe menor, portanto tem menos pressão por trás dessa realização. Essa condição permite que o realizador ou realizadora possa ousar, possa experimentar não só no campo da forma, como no campo das ideias.

Na MARÉ foram exibidos os curtas “Viagem na Chuva” (2014), “Exíliã” (2015), “Fazenda Rosa” (2017), “O Malabarista” (2018), “Enraizada” (2018) e “Yá, me conte histórias” (2020), sendo que três deles são pernambucanos, dois goianos e um paraibano. Quanto aos gêneros cinematográficos, houve animações utilizando-se de diferentes técnicas, ficção e documentários, permitindo certa diversidade no recorte da produção nacional voltada para a temática socioambiental e com classificação indicativa livre para todos os públicos. Em relação ao protagonismo na autoria dos filmes, podemos observar a paridade de gênero, sendo três dos filmes realizados por cineastas mulheres e três por homens.

*Enraizada*¹¹, documentário pernambucano dirigido por Tiago Delácio (da equipe da MARÉ) que utiliza também da experimentação, nos apresenta Dona Olívia e sua relação com a Mata do Engenho Uchôa, que desde 1996 passou a ser Área de Proteção Ambiental (APA) do Recife. Com o filme vamos aos poucos nos familiarizando com a flora e fauna, com os sons do território através do trabalho primoroso de captação de som do ambiente, e Dona Olívia, uma anciã negra. A belíssima construção imagética carregada de poeticidade faz com que a personagem esteja muitas vezes camuflada no ambiente que lhe circunda e corrobora para o nosso entendimento de que ali visualizamos um todo completo, convivendo em harmonia. Dona Olívia é guardiã da mata e sua (r)existência, suas memórias, compõem aquele território. Está tão enraizada que diz-se que quando encantar-se, os “pés de planta” irão atrás dela, o que não nos resta dúvidas. Ao final do filme, cartelas trazem importantes informações em texto, de que “em 1979 teve início a construção de um condomínio residencial que desencadeou o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa e impediu a destruição da área”. Esse movimento envolve a junção de diversos atores da sociedade civil, entre eles ativistas ambientais, educadoras/es, escolas e sindicatos, todos em prol da preservação daquele território. Algumas das conquistas históricas da sociedade civil organizada foi a integração da Mata do Engenho Uchôa na categoria de Área de Proteção Ambiental na esfera municipal, em 1996; e, em 2011, a recategorização da reserva para Refúgio de Vida Silvestre (RVS), na esfera estadual.

¹⁰ Jornalista, crítico de cinema, cineclubista, pesquisador, curador de festivais e fotógrafo baiano. Sócio-fundador da Abraccine (Associação Brasileira de Críticos de Cinema). Encantou-se em 2014.

¹¹ Disponível na plataforma YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=QICkpaedWss> .

Área de Proteção Ambiental (APA) é uma categoria que integra o grupo de uso sustentável das Unidades de Conservação (UC) e por esta categorização permite a ocupação humana e utilização de parte dos elementos que compõem a natureza desde que de forma equilibrada. O Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) é que as regula e nele as UC são definidas como:

O espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias de proteção. (ICMBIO, 2000)

Deste modo, o governo do Recife instituiu a Mata do Engenho Uchôa, localizada às margens da BR 101 no bairro do Ibura, como APA compreendendo que se trata de uma área “destinada a proteger e conservar a qualidade ambiental e os sistemas naturais ali existentes, visando à melhoria da qualidade de vida da população local e também objetivando a proteção dos ecossistemas regionais” (RECIFE, 1996). O território é porção representativa da Mata Atlântica, ecossistema do manguezal e se insere na Bacia Hidrográfica do Rio Tejiú. Por toda sua importância, também é reconhecido, a nível estadual, como Refúgio de Vida Silvestre (RVS) Mata do Engenho Uchôa. O RVS é outra categoria das UCs, integrando o grupo de proteção integral. Atualmente, Pernambuco conta com 33 Refúgios de Vida Silvestre, que, segundo a Agência Estadual de Meio Ambiente (CPRH), possuem objetivo de “proteger ambientes naturais onde se asseguram condições para a existência ou reprodução de espécies ou comunidades da flora local e da fauna residente ou migratória” (CPRH, 2022).

Indo adiante com essa nossa reflexão suscitada através do curta *Enraizada*, vamos direto para o debate “Ecossistemas e Biodiversidade¹²”, que aconteceu no dia 11 de dezembro de 2020, e contou com a participação de Alexandre Ramos (SEMAS - Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade de Pernambuco), Pamella Nogueira (consultora socioambiental), Oriane Descout (cineasta) e mediação do próprio Delácio, naquele momento representando a MARÉ. Em determinado momento, Tiago pergunta para Pamella se é possível relacionar as UCs com Educação Ambiental propondo agroecologia e bioconstrução para as pessoas do seu entorno para que possamos olhar de forma sustentável a relação com a natureza nesses ambientes que ainda são, de certa forma, preservados. A consultora responde que é possível se conseguirmos enxergar a sustentabilidade como algo que está na essência, na base; se enxergamos que fazemos parte do ecossistema. Ao passo que ela propõe irmos além, entendendo que áreas protegidas englobam territórios indígenas, quilombolas, assentamentos rurais etc. que apresentam outras formas de gestões, mas com foco na proteção da biodiversidade e sociodiversidade, que devem andar juntas.

Bioconstrução é uma técnica agroecológica que tem como base saberes ancestrais e populares e utiliza-se do (re)aproveitamento de materiais locais do ambiente para a construção de moradias e outros espaços, assim reduzindo os impactos na natureza. Destacamos que durante as aulas presenciais da especialização em Educação Ambiental e Cultural, no dia 21 de setembro de 2019, tivemos a oportunidade de contribuir coletivamente com a coleta de materiais e

¹² Disponível na plataforma YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=SeXSNTlLj9U> .

posterior mutirão de construção de um espaço no Sítio Ágatha¹³ localizado no município de Tracunhaém, na zona da Mata Norte de Pernambuco.

É importante lembrarmos que as populações tradicionais da América Latina originariamente mantêm relação síncrona de negociação entre seres humanos e outros seres da natureza e seus saberes. Aqui refletimos junto ao sociólogo português Boaventura de Sousa Santos quando ele diz que “(...) a preservação da biodiversidade [foi] tornada possível por formas de conhecimento camponesas e indígenas e que, paradoxalmente, se encontram hoje ameaçadas pela intervenção crescente da ciência moderna” (2010, pág. 49). Essas formas de conhecimentos estão ameaçadas porque com a modernidade testemunhamos o processo de hierarquização dos saberes, onde o científico ocupou um lugar de destaque em relação a todos os outros, contribuindo para a morte da pluralidade de conhecimentos e provocando epistemicídios. Todavia, neste contexto contra-hegemônico da bioconstrução, podemos visualizar a ecologia de saberes, onde múltiplos saberes válidos - ancestrais, populares, científicos - dialogam entre si para superar os limites particulares de cada conhecimento em prol de um objetivo específico, que é a construção agroecológica. Além disso, visualizamos que a experiência do Sítio Ágatha, assim como a enraizada Dona Olívia e o Movimento em Defesa da Mata do Engenho Uchôa, são exemplos de resistências que servem de lição de equilíbrio entre todos os seres da natureza, da ecologia política dos movimentos sociais, bem como da preservação dos ecossistemas e biodiversidade dos nossos territórios.

Nos despedindo dessas experiências e das áreas protegidas como Unidades de Conservação, partimos em direção a outro filme que também nos encanta a partir das histórias de vida de Dona Bernardete e Dona Liriana. *Exíllia*¹⁴, da cineasta pernambucana Renata Claus, é um documentário que apresenta cenas de animação em *stop motion* e aborda o desenraizamento de toda uma comunidade tradicional de pescadores artesanais em prol do crescimento econômico a todo custo. O curta foi o primeiro trabalho de direção da realizadora, que possui larga experiência no cinema de animação *stop motion*. É especialmente utilizando dessa técnica animada e da simpatia das/os personagens, que o filme provoca encantamento, mesmo que trate de denúncia de violação de direitos e conflitos socioambientais.

Conhecemos Dona Deti e Dona Leri, duas anciãs negras que viviam na Ilha de Tatuoca, no município de Ipojuca, litoral sul de Pernambuco. Na praia crianças brincam, mas também, junto com adultas/os, se divertem pegando o sustento da família: caranguejos no manguezal, pescam peixes, coletam mariscos e frutos. O conhecimento é passado dos mais velhos para os mais novos e dessa forma Dona Leri também nos ensina a procurar onde cavar para encontrar água doce a partir do estremecimento das pedras, assar/quebrar castanhas de caju e como remediar as formigas de roçado, sempre com muita leveza e sorriso no rosto. Em contraposição a tudo isso, o filme nos mostra uma leitura de des-envolvimento: um barco com turistas vai passando pela praia e a voz de um homem informa às/aos tripulantes que aquela ilha deixará de existir; que as pessoas estão sendo retiradas dali para dar lugar a ampliação do estaleiro; e que aproveitem a parada do barco para tomar banho nas águas do encontro do mangue com o mar. Vemos máquinas trabalhando dia e noite, tubulações expostas e desgastadas, desmatamentos. A partir da conversa entre Dona

¹³ Espaço afroecológico, militante, feminista e antirracista: <http://sitiogatha.siteo.one> .

¹⁴ Disponível na plataforma Vimeo: <https://vimeo.com/128144618> .

Deti e Dona Leri e das imagens e sonoras construídas pela equipe do filme, vamos compreendendo um pouco mais de tudo.

O estaleiro citado pelo guia turístico faz parte do Complexo Industrial Portuário de Suape - Complexo Industrial Portuário Governador Eraldo Gueiros (CIPS), que foi implantado em 1974, e atualmente influencia, direta ou indiretamente, oito municípios pernambucanos: Cabo de Santo Agostinho, Ipojuca, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Escada, Ribeirão, Sirinhaém e Rio Formoso. A defesa do Porto de Suape era difundida a partir do discurso até hoje utilizado para realização de grandes empreendimentos característicos do modelo des-envolvimentista neoextrativista: geração de renda, diminuição do desemprego e combate à pobreza. Porém, como enxergamos nessa e em tantas outras experiências, o que permanece como consequência da escolha desse modelo são os enormes impactos socioambientais e rastros de mortes:

A conformação desses grandes projetos tem como marca um intenso e violento processo de desterritorialização compulsória e precarização territorial das populações onde esses grandes vetores de modernização se realizam. Trata-se da destruição de mundos, pois tal processo afeta, de maneira dramática, os recursos e os modos de vida de camponeses, indígenas, quilombolas e povos e comunidades tradicionais em geral, resultando em intensos conflitos ambientais e territoriais por todo o continente e gerando milhares de verdadeiros “refugiados do desenvolvimento”. (CRUZ, 2017 *apud* PÉREZ, 2017).

Quando Renata Claus e sua equipe filmaram *Exíliã*, famílias resistiam na Ilha de Tatuoca há mais de 40 anos. Algumas delas, no início de tudo, já haviam sido removidas para outros territórios periféricos e ficaram dispersas da antiga vizinhança, como a família de Dona Bernardete. Outras, maioria, foram removidas para o Conjunto Habitacional Nova Tatuoca após o início das obras de ampliação do estaleiro. Em comum entre elas, os novos territórios não comportam a reprodução dos modos de vida a que são enraizadas, de estar na natureza e ser natureza, englobando também o cuidado, plantio, pesca e coletas de alimentos para consumo próprio, comunitário ou geração de renda. Cabe ressaltar que nesse processo de resistência e defesa do território, as famílias não estavam a sós: em 2011 foi criado o Fórum Suape - Espaço Socioambiental, associação composta por diversas pessoas e entidades que discutem e atuam contra as injustiças socioambientais vivenciadas pelas populações influenciadas pelo CIPS.

As comunidades de pescadores artesanais são tradicionais e possuem seu reconhecimento e busca de preservação legalmente instituídas pela Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), que define povos e comunidades tradicionais como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007).

Além destas, também são reconhecidas como comunidades tradicionais as quilombolas, indígenas, ciganas, de terreiro ou de matriz africana, ilheus, ribeirinhas, pantaneiras, dentre outras. Nesse contexto, durante as aulas presenciais da especialização em Educação Ambiental e Cultural, visitamos algumas: Comunidade

Quilombola Engenho Siqueira, em Rio Formoso, na mata sul de Pernambuco; Quilombo Ilha das Mercês, também próxima ao Porto de Suape, em Ipojuca, litoral sul; e a comunidade de terreiro Sítio de Pai Adão, em Recife.

Em se tratando de comunidades, outro espaço de saberes que cabe invocar para este momento é o debate “Povos e Territórios”¹⁵ da MARÉ, que aconteceu no dia 12 de dezembro de 2020, e contou com a participação de Mãe Beth de Oxum (lalorixá, embaixadora de Matrizes Africanas no Brasil, Patrimônio Vivo de PE, recentemente contemplada com o título de Mestre de Notório Saber em Cultura Popular pela Universidade de Pernambuco) e David Ramos (Educador Social da ONG Cáritas - Regional Nordeste), com mediação do coordenador da MARÉ, Rafael Buda. Aqui gostaríamos de ressaltar a fala da Mãe Beth quando aborda, na visão dos povos de terreiros, a relação de origem africana entre Orixás e natureza:

O terreiro entende água como sagrado. Pra gente, a água é sagrada. Eu sou de Oxum (...), meu ancestral mais antigo é a água, nunca poderia ser um produto. (...) A mata não pode ser um produto. A terra... meu Deus do céu! A terra não pode ser um produto: a Terra é nossa Mãe! A terra para eles é um produto: passa a boiada, passa a boiada! A Terra pra gente é nossa grande Mãe! Obaluaê é a terra (...), o vento é lansã. (...) Nosso oceano é nossa mãe lemanjá. 97% do planeta é água. Nossas mães pretas, nossas mães mais velhas, nossas tias, nossas avós ensinam que essa água tem força e tem poder e o nome dela é lemanjá!

Deste modo, ressaltamos a denúncia da mercantilização de seres da natureza como recursos a serem explorados, o que faz com que os povos enraizados em seus territórios vivam em constantes disputas pela manutenção dos seus modos de vida, seus saberes e em conflitos de ocupação e uso da terra. Reforçamos que outros modos de ser, conviver, fazer e estar no mundo são possíveis e apontamos para os sentidos de Bem Viver como alternativas ao modelo de des-envolvimento predatório e explorador. Para tanto, não estamos falando de um futuro distante onde a superação total do sistema capitalista já será realidade; estamos falando em visibilizar vivências comunitárias locais que resistem desde o colonialismo através dos povos originários e marginalizados. Porém, para esses outros modos, é sim, necessário redistribuirmos as riquezas de forma equilibrada no meio comunitário, onde todos os seres vivos (humanos e não-humanos) se relacionem como sujeito-sujeito e não sujeito-objeto.

Bem Viver é um conceito plural, não fechado em si numa visão única, mas apresentamos alguns direcionamentos do político e economista equatoriano Alberto Acosta:

(...) a proposta do Bem Viver critica o Estado monocultural; a deterioração da qualidade de vida, que se materializa em crises econômicas e ambientais; a economia capitalista de mercado; a perda de soberania em todos os âmbitos; a marginalização, a discriminação, a pobreza, as deploráveis condições de vida da maioria da população, as iniquidades. Igualmente, questiona visões ideológicas que se nutrem das matrizes coloniais do extrativismo e da evangelização imposta a sangue e fogo. (ACOSTA, 2016, p. 83).

Sendo assim, para termos sociedades nos sentidos de Bem Viver, é fundamental o enfrentamento da colonialidade do poder. É preciso, por exemplo, que o Estado seja estruturalmente plurinacional e intercultural, que a institucionalidade

¹⁵ Disponível na plataforma YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=XXE37gxs5t0> .

seja horizontal e comunitária; que as relações de produção sejam sustentadas pela solidariedade e não pela acumulação do capital; e que o conviver comunitário seja harmônico entre seres humanos e não-humanos. Parece utopia, porém já existem no mundo diversos cenários possíveis. Sendo assim, *Exíliã* - e algumas outras¹⁶ - enquanto obra de arte, visibiliza histórias de resistências numa comunidade subalternizada e nos incita a sentir, pensar e agir coletivamente sobre as violações de direitos, produção de misérias e devastações que o megaprojeto de Suape representa, mas poderia estar retratando muitos outros contextos que reproduzem essa lógica. O filme nos lembra que os campos artístico, ambiental, social e político devem caminhar juntos e essa confluência nos auxilia a imaginar que outros mundos plurais são possíveis. Que assim seja!

Em busca de outros mundos, partimos da comunidade tradicional em Suape para dentro de uma residência na Paraíba, no auge da pandemia de Covid-19, e conhecemos elementos da cultura africana lorubá por intermédio de uma relação entre mãe e filha. *Yá, me conte histórias*¹⁷ é uma ficção dirigida por Carine Fiúza, cineasta negra que também assumiu outras funções nesse filme, além de atuar junto a sua filha criança, Elisa Fiúza. O desafio aqui era contar a história de força das mulheres de forma lúdica a partir dos recursos disponíveis no período de isolamento e sem sair de dentro de casa. Entre os recursos disponíveis estavam tecidos de estampas africanas, plantas, carrancas e objetos feitos de diversos materiais remetendo à atmosfera da narrativa. Destaque para a edição com sobreposição de imagens, onde as personagens iam se misturando a partir da interpretação da história narrada em off, aliada a uma potente trilha sonora.

Em determinado momento do filme, a criança diz em off: “Quando fecho os meus olhos e adormeço, vejo tudo de que sou feita voando por aí em pedacinhos invisíveis. Vejo minha mãe e as histórias que ela me conta”. As histórias escolhidas para tradução no filme foram as das senhoras da noite, também conhecidas como feiticeiras, as lami Oxorongá, que são coletividades cultuadas em sociedades lorubá representando o poder ancestral feminino. Essas entidades formam comunidades secretas e são muito respeitadas por possuírem o poder de gerar a vida, da criação, de ser mãe. Elas podiam transformar-se em pássaros e é precisamente essa característica que mais chama atenção das crianças. O poder de transformar-se e ser livre, voar.

As culturas lorubá, como também pudemos observar anteriormente na fala da Mãe Beth de Oxum, apresentam relação equilibrada entre todos os seres vivos da natureza sem distinção hierárquica entre humanos e não-humanos. Nelas cultua-se a existência de forças sobrenaturais presentes na água, terra, fogo e ar, para citar alguns exemplos, sendo estas forças materializadas através dos Orixás, entidades mitológicas. Essas entidades são cultuadas em cerimônias afro-religiosas que ocorrem nos espaços dos terreiros. Sobre os mitos, ressaltamos que:

(...) atuam como elementos estruturais das comunidades, pois, justificam qualquer teoria ou qualquer prática ritual e revive a mentalidade primordial.

¹⁶ Outras obras cinematográficas pernambucanas que abordam os conflitos socioambientais causados pelo Porto de Suape: *Suape: desenvolvimento para quem?*, de Mariana Olívia (Doc, 2015, 28min); *Nanã*, de Rafael Amorim (Doc, 2017, 25min); *Território Suape*, de Cecília da Fonte, Laércio Portela e Marcelo Pedroso (Doc, 2020, 71min); *Fragmentos de Gondwana*, de Adalberto Oliveira (Doc, 2021, 17min).

¹⁷ Disponível na plataforma YouTube: https://www.youtube.com/watch?v=EQH_a_Du6OI.

Para estes grupos ou sociedades o mito desempenha uma função indispensável, pois, exprime, enaltece e codifica a crença, revela e impõem princípios morais, garante a eficácia dos rituais e oferece regras e práticas para a orientação humana. (MELO, 2007, p. 32).

Os mitos lorubá, de modo geral, são passados de geração em geração através da oralidade como forma de perpetuar esses saberes, assim como vimos no filme. Podemos dizer que as comunidades tradicionais de matriz africana ou de terreiro se aproximam do que refletimos sobre os sentidos do Bem Viver, desde a relação harmônica entre diversos seres da natureza até as experiências do conviver comunitário e solidário. Porém, para irmos além nesta reflexão seria necessário aprofundarmos a análise sobre diversos outros pontos que não cabem abarcar neste momento.

Continuando o nosso mergulho na programação da 5ª MARÉ, chegamos ao filme pernambucano *Fazenda Rosa*¹⁸, animação feita em *stop motion* utilizando recortes de revistas, livros, papéis coloridos, folhas, galhos, entre outros elementos que constroem a narrativa. A animação é dirigida por Chia Beloto e foi criada a partir da paisagem sonora composta pelo músico, também pernambucano, Erasto Vasconcelos, resultando num curta-metragem possível de refletir junto a públicos de todas as faixas etárias, inclusive as crianças mais novas. Com ele nos encontramos com o que poderíamos chamar de cinema encantatório, pois ativa o que há de mais bonito nas nossas memórias e incita a estar no caminho de equilíbrio entre todos os seres da natureza. Na experiência de sentipensar com o filme, nos teletransportamos para a fazenda, ouvimos seus sons, sentimos seus cheiros. Encontramos imagens do cotidiano, de comidas, de animais, os personagens da fazenda: vaqueiro, poeta, embolador, compositor. Lá também tem um mangue com peixes, sururu. No sítio tem frutas: cajá, carambola etc., além de macaxeira, feijão verde, banana. Na fazenda tem uma infinidade de vidas!

Fazenda Rosa nos provoca a vivenciar aquela experiência e cuidar do que brota em tela. A espetacular voz de Erasto Vasconcelos nos diz “Tenha vergonha, seu moço! Deixe em paz a plantação. Toque fogo não! Toque fogo não!”. Simbólico exibir esse curta na MARÉ no ano de 2020, quando vimos o aumento alarmante do desmatamento na Amazônia e queimadas no Pantanal causando devastação da fauna, flora e povos nos territórios. A maior parte desses desmatamentos e queimadas são ilegais para favorecer a grilagem de terras, exploração madeireira, garimpeiros, o agronegócio e outras atividades predatórias. Naquele ano também tivemos recorde do aquecimento global, que é o aumento da temperatura no planeta provocado por consequências da ação humana desequilibrada.

A animação pernambucana traz ludicidade, leveza na abordagem dessas e outras questões socioambientais e podemos apresentá-la em experiências educativas como forma de favorecer “a expressão de diferentes dimensões do ser humano no sentido de catalisar mais facilmente processos reflexivos, formativos e transformadores capazes de produzir mudanças de atitudes, valores e novas pautas sociais.” (MORAES; TORRE, 2004, p. 13). Desse modo, seguimos encantadas/os e colocando em prática o sentipensar na Educação Ambiental.

O penúltimo curta do nosso percurso seguindo os rastros da MARÉ é o goiano *O Malabarista*¹⁹, dirigido por Iuri Moreno. O híbrido de documentário e animação, que

¹⁸ Disponível na plataforma YouTube: https://www.youtube.com/watch?v=kpfY_KTACs4.

¹⁹ Disponível na plataforma Vimeo: <https://vimeo.com/539910641>.

utiliza a técnica 2D digital, também aborda o tema em questão de forma lúdica e com leveza, que nesse caso é um dia na vida do trabalhador das artes nas ruas dos grandes centros urbanos do Brasil. Ao longo do curta-metragem vamos conhecendo o cotidiano do personagem principal e ao mesmo tempo ouvindo em off depoimentos feitos pelas/os malabaristas Luciano Yacante, Ana Marcela, Ícaro Araújo, Gustavo Torres, Chico Curi e Samira Lemes, visibilizando suas experiências de vida e refletindo sobre a relação da profissão artística com a cidade e a interação com os mais diversos públicos. Aqui estamos tratando da experiência do artista de rua circense, porém existem diversas outras expressões artísticas com trabalhadoras/es que também ocupam esse espaço urbano com as suas apresentações, como a música, teatro, poesia, dança, entre outras.

Num trabalho primoroso de direção de arte, a narrativa visual contrasta os tons de cinza do território caotizado, com o artista caracterizado para o personagem, vestido de figurino colorido, que espalha cores e sorrisos por onde passa com suas performances em busca da atenção do público. A escolha do semáforo (ou do ônibus) como espaço de trabalho por parte do malabarista faz com que sua arte se adeque àquele local e respectiva dinâmica, que engloba o tempo de a luz esverdear ou avermelhar, de subir e descer no transporte coletivo. O objetivo é sempre brincar, provocar coisas boas nas pessoas, levar algo bom, como diz uma das malabaristas. Esse objetivo nem sempre é atingido em todos os públicos, visto que entre as pessoas que trafegam na cidade também estão aquelas que não possuem tempo e/ou desejo de prestigiar a arte na rua e por isso reagem de forma indiferente às performances artísticas. Há também, entre a população, o estereótipo de que artistas de rua são pedintes, e não trabalhadores, o que contribui com a marginalização dessa classe. Mas na interação com as crianças, aí, sim, é um reconhecimento garantido e o encantamento se consolida.

As/os artistas de rua a utilizam como palco, se apropriam e ocupam a cidade provocando emoções, sentimentos e reflexões nas pessoas. A cidade, por sua vez, é um campo permanente de conflitos - os mais diversos - e essa relação também é abordada como eixo temático na MARE. O debate “Cidades e Conflitos”²⁰ aconteceu no dia 10 de dezembro de 2020, com as participações de Camilo Cavalcante (cineasta, diretor do longa-metragem Beco), Cida Pedrosa (advogada, ambientalista, escritora e gestora) e Evelyne Labanca (analista de inovação do Sebrae). A mediação do debate foi feita pelo curador André Dib e para este espaço ressaltamos a importância da defesa das diversas expressões da cultura como meio de ocupação da cidade, que foi feita pelas pessoas que participaram da atividade, sendo uma das afirmações de Cida Pedrosa: “Não tem mais como trabalhar na malha urbana sem pensar cultura dentro”. O trabalho de valorização da cultura deve caminhar lado a lado com a valorização das/os artistas, estejam elas/es ocupando os espaços da rua ou ambientes fechados.

No filme, a apresentação do cotidiano nem sempre leve das/os malabaristas termina com uma trupe colorida espalhando encantamento e esperança por meio das acrobacias, malabares e palhaçadas para todos que compõem a rua, a cidade e o mundo. “Paixão de malabarista / É amor e arte no meio da pista / Paixão de malabarista / Entre nós só um para-brisa”. O sinal está verde para a arte, para a ocupação da cidade com cultura e para a alegria, sempre buscando o equilíbrio entre todos os seres.

²⁰ Disponível na plataforma YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=vwjP0HQ8LzA> .

Wesley Rodrigues é quem assina a direção de animação e arte de *O Malabarista* e também é esse o artista responsável pela direção, roteiro, storyboard, produção, animação, direção de arte e cenários do último curta presente no nosso trajeto neste trabalho: *Viagem na Chuva*²¹. As conexões entre um filme e outro não param por aí: são oriundos do mesmo estado (Goiás), produzidos utilizando a técnica de animação 2D digital e remetem ao universo circense. Além disso, *Viagem na Chuva* é um espetáculo de beleza e encantamento, por meio do cinema fantástico, para crianças de todas as idades.

A narrativa cinematográfica não precisa seguir a linguagem objetiva, direta. Existem várias formas de contar uma história por meio do cinema e muitas vezes nos encontramos com experiências oníricas, como é o caso de *Viagem na Chuva*, que traz elementos da fantasia. O cinema de animação é um prato cheio para essas experiências, abordando muitas vezes as memórias da infância. O filme nos propõe uma viagem ao sonho da criança de acompanhar o circo depois que a chuva passar. A chuva, o circo e o tempo passam.

As águas são elementos centrais na narrativa de *Viagem na Chuva* e, buscando relacionar a discussão socioambiental, podemos refletir sobre a situação no Brasil, que conta com doze regiões hidrográficas, sendo estas conjuntos de bacias que abarcam cerca de 12% da água doce superficial de todo o planeta. Porém, devido às desigualdades consequentes da escolha do modelo de des-envolvimento que vimos tratando neste trabalho, cerca de 35 milhões de pessoas no país não têm acesso a água tratada e por volta de 100 milhões não têm acesso à coleta de esgoto. Água é vida, promove saberes com diferentes povos e povoa nossos sonhos também representados no cinema, que nos faz sentipensar através do encantamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propôs reflexões para que haja confluência entre as programações das mostras e festivais de cinema ambientais brasileiros e a perspectiva crítica de Educação Ambiental. Partindo de inquietações pessoais que tiveram início com o cineclubismo, procurou-se demonstrar através das coletas de dados e do referencial teórico como a 5ª edição da Mostra Ambiental de Cinema do Recife pode contribuir com a Educação Ambiental no contexto de pandemia da Covid-19.

Com seis edições realizadas até o momento, a MARÉ vem amadurecendo e se consolidando no circuito de mostras e festivais de cinema do Brasil, cumprindo também o papel de promover o encontro pujante entre o cinema, o público e a Educação Ambiental. No ano de 2021, com a chegada da vacina contra Covid-19 para a maior parte da população, a mostra aconteceu em formato híbrido - presencial e online – com destaque para a ocupação do Teatro do Parque, importante equipamento cultural da cidade do Recife e que há anos estava fechado para a população como consequência de reformas estruturais.

Devido aos limites do curto espaço de tempo não foi possível nos debruçarmos sobre os longas-metragens que compuseram a programação da 5ª MARÉ, bem como outras experiências de difusão cinematográfica que estão acontecendo em Pernambuco também dedicando especial atenção para as discussões

²¹ Disponível na plataforma Vimeo: <https://vimeo.com/542283589> .

socioambientais. Sendo assim, este trabalho constitui-se como introdutório, um primeiro vôo de amplitude, que esperamos aprofundar em outro momento.

Ficou evidente com esse estudo que a programação que brotou da MARÉ aborda diferentes perspectivas socioambientais, trazendo denúncias e ao mesmo tempo filmes e debates encantatórios para sentipensarmos juntas/os em outros mundos possíveis, com os sentidos do Bem Viver, fazendo emergir a ecologia dos saberes e comprovando que a Educação Ambiental é também cultural, política, social e afetiva. No entanto, percebeu-se a necessidade de olhares mais atentos e inclusivos para curtas-metragens realizados por representantes de grupos minoritários, como, por exemplo, dos povos originários, tradicionais, de movimentos sociais, dentre outros. A partir desses olhares mais atentos, poderíamos também incluir a discussão sobre racismo ambiental, que é primordial para pensarmos as questões socioambientais.

A arte crítica nos chacoalha do estado de ignorância, favorece visualizarmos outros mundos e nos alerta, como Boaventura de Souza Santos, de que “o futuro encontra-se na encruzilhada dos saberes e das tecnologias”. Que tracemos esses caminhos de forma equilibrada, observando e conhecendo as diversidades, apostando em gerar vida e encantamentos por estarmos vivas/os.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ALBOREDA, Solange. **Cinema ambiental**: filmes, festivais, plataformas, angústia e esperança. São Paulo: Annablume, 2021.

_____. Recepção em mostras de cinema ambiental. **V Colóquio Semiótica das Mídias**, Japaratinga/AL, p. 5, set. 2016. Disponível em: <http://www.ciseco.org.br/images/coloquio/csm5/CSM5_SolangeAlboreda.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2022.

ANCINE – Agência Nacional do Cinema. **A importância dos Festivais e Mostras de Audiovisual**. Disponível em: <<https://antigo.ancine.gov.br/pt-br/conteudo/importancia-dos-festivais-e-mostras-de-audiovisual>>. Acesso em: 06 set. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 6040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em: 16 set. 2022.

COSTA, Rafael Nogueira... [et al.] (Orgs.). **Imaginamundos**: Interfaces entre educação ambiental e imagens. Macaé: Editora NUPEM, 2021.

CPRH - Agência Estadual de Meio Ambiente. **Refúgio de Vida Silvestre – RVS**. Disponível em: <<http://www2.cprh.pe.gov.br/fauna-e-flora/unidades-de-conservacao/unidades-de-protecao-integral/refugio-de-vida-silvestre>>. Acesso em: 13 set. 2022.

CRUZ, Valter. Prefácio - A Geo-grafia dos grandes projetos de des-envolvimento: entre a espoliação e as r-existências. In: Pérez, Mercedes Solá. **R-existências sociais pela vida**: camponesas e camponeses do que hoje é Suape (Brasil) e das Zonas de Reserva Camponesas (Colômbia). Curitiba: CRV, 2017.

DOMINGUES, Renata; GURGEL, Idê; SANTOS, Mariana. A vulneração socioambiental advinda do complexo industrial portuário de Suape: a perspectiva dos moradores da Ilha de Tatuoca – Ipojuca/PE. **Revista Tempus – Actas de Saúde Coletiva**. Brasília, vol. 8, n. 2, p. 69-91, jun. 2014. Disponível em: <<https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1513/1273>>. Acesso em: 16 set. 2022.

FÓRUM DOS FESTIVAIS. **Quem somos**. Disponível em: <<https://www.forumdosfestivais.com.br/quem-somos>>. Acesso em: 06 set. 2022.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

ICMBIO - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **SNUC**. Disponível em: <<https://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/politicas/snuc.html>>. Acesso em: 13 set. 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MELO, Emerson. Dos terreiros de candomblé à natureza afro-religiosa. **Revista Último Andar**. São Paulo, n. 16, p. 27-36, jun. 2007. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/13263>>. Acesso em: 16 set. 2022.

MORAES, Maria Cândida; TORRE, Saturnino de la. **Sentipensar sob o olhar autopoietico**: fundamentos e estratégias para reencantar a educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

NUNES, João Arriscado. Um Discurso sobre as Ciências 16 anos depois. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**: Um Discurso sobre as Ciências Revisitado. Porto: Afrontamento, 2003. pp. 57–80.

RECIFE. **Decreto nº 17.548/96 - APA Engenho Uchôa**. Disponível em: <<https://licenciamento.recife.pe.gov.br/sites/default/files/DECRETO%20N%C2%BA%2017.548.96%20-%20APA%20ENGENHO%20UCHOA.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2022.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina/CES, 2010.

Filmografia

ENRAIZADA. Direção: Tiago Delácio, Brasil, 2018 (8min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QlCkpaedWss> .

EXÍLIA. Direção: Renata Claus, Brasil, 2015 (24min). Disponível em: <https://vimeo.com/128144618> .

FAZENDA ROSA. Direção: Chia Beloto, Brasil, 2017 (7min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kpfY_KTACs4 .

MALABARISTA, O. Direção: Iuri Moreno, Brasil, 2018 (11min). Disponível em: <https://vimeo.com/539910641> .

VIAGEM NA CHUVA. Direção: Wesley Rodrigues, Brasil, 2014 (13min). Disponível em: <https://vimeo.com/542283589> .

YÁ, ME CONTE HISTÓRIAS. Direção: Carine Fiúza, Brasil, 2020 (8min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EQH_a_Du6OI .